

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS  
CURSO DE PSICOLOGIA

LUIZA URSULA AROUCHA COSTA LEITE

**O LUGAR DO PAI NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: UMA DISCUSSÃO A  
PARTIR DA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

SÃO LUIS – MA  
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PSICOLOGIA

LUIZA URSULA AROUCHA COSTA LEITE

**O LUGAR DO PAI NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: UMA DISCUSSÃO A  
PARTIR DA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia  
da Universidade Federal do Maranhão para  
obtenção do título de Formação de Psicólogo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Julia Maciel Soares  
Vasques

SÃO LUIS – MA  
2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Leite, Luiza Ursula Aroucha Costa.

O lugar do pai na família contemporânea : uma discussão a partir da perspectiva psicanalítica / Luiza Ursula Aroucha Costa Leite. - 2018.

37 f.

Orientador(a): Júlia Maciel Soares Vasques.

Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luis-MA, 2018.

1. Contemporaneidade. 2. Família. 3. Função paterna.  
4. Psicanálise. I. Vasques, Júlia Maciel Soares. II.  
Título.

LUIZA URSULA AROUCHA COSTA LEITE

**O LUGAR DO PAI NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: UMA DISCUSSÃO A  
PARTIR DA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia  
da Universidade Federal do Maranhão para  
obtenção do título de Formação de Psicólogo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Julia Maciel Soares  
Vasques

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof<sup>ª</sup> Dr Julia Maciel Soares Vasques  
Orientadora – Presidente da Banca

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Lorena Rodrigues Guerini  
Examinadora

---

Prof. Ms. William Amorim de Sousa  
Examinador

SÃO LUIS – MA  
2018

À Marta Beatriz, minha avó, que como herança  
me deixou aquela estranha mania de ter fé na  
vida.

## **Agradecimentos**

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, que abriram mão, desde muito cedo, de um convívio diário com sua única filha, para que eu pudesse, através do estudo, realizar meus sonhos. Obrigada por me incentivarem desde pequena a correr atrás das coisas que quero, por me apoiar e me proporcionar o sentimento de liberdade de poder tomar qualquer decisão, seja profissional ou na vida pessoal.

À minha avó, Marta Beatriz, que ajudou a me educar, me deu carinho e bronca nos momentos necessários, que mesmo sem saber, foi a maior incentivadora dos meus estudos e o espelho de fortaleza, de força feminina, que levarei comigo para sempre. À ela minha gratidão eterna e minha saudade diária.

À minha orientadora, Júlia Soares, que, com paciência, se disponibilizou a me guiar ao longo deste trabalho. À Érika Flávia, com quem compartilho, além do sangue, laços de afeto, amizade e cumplicidade.

Agradeço também a todos os professores que contribuíram na minha jornada acadêmica e que auxiliaram na construção deste trabalho. Sou grata também à toda a minha família, tios, primos, avós, que me incentivam a ser melhor a cada dia.

Aos amigos da universidade, os quais levarei comigo para toda a vida. Em especial, Ana Tereza Vitor e Thalita Andreia, que, além do ombro amigo, me deram apoio ao longo da construção deste trabalho. À Luana Brito, que dividiu comigo as risadas e o sofrimento durante o estágio obrigatório. À Mariana Nascimento e Layanna machado, que estavam dispostas a ouvir minhas dúvidas e contribuir para a entrega desta pesquisa. À Ellen Resende e Maria Adélia, com quem partilhei bons momentos ao longo desses cinco anos.

Aos meus amigos da vida, Caroline Carvalho, Mariana Neiva e Jhessica Carvalho, obrigada pela paciência e por tornar minha vida mais leve. E a meu amigo Caio Walter, por ouvir meus pedidos de socorro. Agradeço a todos que, em diferentes campos da minha vida, me auxiliaram a concluir essa etapa tão difícil, que é a conclusão do curso de psicologia, mas também foi tão importante na minha vida.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>8</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>9</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>3. AS TRANSFORMAÇÕES NA FAMÍLIA E O LUGAR DO PAI.....</b>	<b>15</b>
<b>4. DESDOBRAMENTOS DA QUESTÃO DO PAI NA PSICANÁLISE.....</b>	<b>22</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fórmula da metáfora paterna .....	29
---	----



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Referente aos níveis de castração, privação e frustração.....	28
---	----

## RESUMO

Este trabalho se deu a partir de uma inquietação sobre as novas configurações familiares e o lugar do pai dentro da família. Foi evidenciado que as relações de poder dentro família foram se transformando, desde a família tradicional até a família na contemporaneidade, de uma base vertical para um movimento horizontal, em que, o poder foi passando das mãos do pai para a mãe e depois para os filhos. O ponto comum dos autores pesquisados, foi que, nesse contexto, a autoridade do pai enfraqueceu ao longo dos séculos. Desse modo, nos dispomos a investigar as relações do lugar do pai na família com o enfraquecimento de sua autoridade através das transformações da família, e relacionar esse enfraquecimento e seu lugar na família aos desdobramentos do pai em psicanálise, nos quais podemos citar o pai da realidade, a função paterna, a imago paterna, o Nome-do-pai e suas implicações no sujeito contemporâneo. Este trabalho foi feito com base em uma pesquisa qualitativa, do tipo revisão bibliográfica, com a base teórica de autores da psicanálise. Vimos que houve um declínio do poder do patriarca da família tradicional, mas que isto não implica em um declínio da função paterna, e muito menos em um declínio do Nome-do-Pai. Também constatamos, que mesmo com todas as transformações em torno do lugar do pai na família, o Nome-do-pai se mantém preservado, e não enfraquece ao longo do tempo, por ser um operador estrutural e por não depender da cultura nem de acontecimentos biológicos ou cronológicos. Desse modo, em relação ao sujeito, nos foi possível afirmar que a sua estrutura continua preservada mesmo com todas essas modificações. Assim, nos fica a questão em torno do lugar do pai enquanto sustentação da dimensão simbólica e dos efeitos que podem ser pensados a partir das mudanças do lugar do pai na família contemporânea.

Palavras-chave: Função paterna; Psicanálise; Família; Contemporaneidade.

## ABSTRACT

This work was based on a concern about the new family settings and the place of the father in the family. It was evidenced that the relations of power within the family were transformed from the traditional family to the family in the contemporaneous, from a vertical base to a horizontal movement, in which, power was passed from the hands of the father to the mother and then to the children. The common point of the researched authors was that in this context the authority of the father has weakened over the centuries. In this way, we are disposed to investigate the relations of the father's place in the family with the weakening of his authority through the transformations of the family, and to relate this weakening and its place in the family to the unfoldings of the father in psychoanalysis, in which we can mention the real father, paternal function, paternal imago, father's name and its implications on the contemporary subject. This work was based on a qualitative research of the bibliographical revision type with the theoretical basis of authors of psychoanalysis. We have seen that there has been a decline in the power of the patriarch of the traditional family, but that this does not imply a decline in parental function, let alone a decline in the Name-of-the-Father. We also find that even with all the transformations around the father's place in the family, the father's name remains preserved and does not weaken over time, because it is a structural operator and does not depend on culture or events biological or chronological. In relation to the subject, we could say that its structure remains "preserved" even with all these modifications. We are left with the question of the place of the father as the support of the symbolic dimension and of the effects that can be thought from the changes of the father's place in the contemporary family.

Keywords: Pattern1's function, Psychoanalysis, Family, Contemporarily.

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa inicial deste trabalho partiu do interesse em investigar as novas formas das configurações familiares. Autores pontuam que a família vem passando por transformações ao longo do tempo, a organização familiar que se tinha no século XIX, por exemplo, embora tenha deixado seus resquícios, já não é a mesma dos anos 2000. Kehl (2003) fala que a estrutura familiar vem se diversificando ao longo dos séculos. A família tradicional nuclear, formada por pai e mãe com ou sem filhos, vem cedendo seu espaço ao que ela dá o nome de família tentacular, que pode ser caracterizada por uma família mais plural, como por exemplo, pais que já foram divorciados e decidem construir uma família em uma nova união, mães solteiras que criam seus filhos sozinhas ou com outros parentes das crianças, como seus avós e tios, e também famílias de casais homossexuais que conquistaram o direito à união civil e etc.

Apesar das configurações serem tão diversas na atualidade, autores indicam que a família continua tendo uma característica universal que parece ser inabalável: a sua estrutura se dá através da aliança e da filiação (Adena e Speller, 2001; Roudinesco, 2003). Ou seja, mesmo com suas transformações sociais e econômicas, a família segue possuindo um caráter universal, que são os laços conjugais e a filiação através da propagação do nome.

Assim, segundo Roudinesco (2003), as pessoas seguem buscando estabelecer laços conjugais, mesmo que não seja através do casamento clássico e tradicional, da mesma forma que perpetuar o nome para as gerações futuras também continua tendo seu peso. Como exemplo disto, temos os casais homossexuais que lutam pelo direito ao casamento e de adotarem seus filhos.

Portanto, para ela, mesmo com as mudanças em sua configuração, a família segue sendo o núcleo da sociedade contemporânea. Cabe então se questionar acerca das mudanças implicadas nessas novas configurações familiares. Segundo Roudinesco (2003), não é a instituição família que declina, mas sim o patriarcado.

Esse contexto, em que a autoridade do pai é posta em dúvida, como veremos adiante, nos levou a pensar na questão do lugar do pai na família, que vem sendo discutida e enfatizada como um ponto central na teoria psicanalítica desde Freud até a contemporaneidade. Inicialmente, pensávamos no declínio da função paterna e nos perguntávamos quais os efeitos deste declínio na sociedade e nos sintomas sociais, mas à medida que a pesquisa foi se desenrolando, surgiram outros conceitos e óticas diferentes citadas em torno do enfraquecimento do pai na família. Alguns autores falam de um

enfraquecimento da autoridade paterna, outros de declínio da função paterna, já Lacan, em *Complexos familiares* (1938), indicou um declínio da imago paterna.

Tendo em vista que algo ainda sustenta a inscrição da Lei do pai no campo do simbólico, pois sujeitos continuam se constituindo através do simbólico transmitido na relação edípica, nossa questão se desloca: com todas as transformações que a família vem apresentando nas últimas décadas, o que enfraquece em torno da questão do pai a partir de uma visão da teoria psicanalítica? É sua função? A sua imagem? Ou a sua autoridade enquanto um pai da realidade no contexto familiar? Foram essas questões que nos guiaram ao longo deste trabalho, com o fim de dar luz a o que representa o pai na psicanálise e quais as suas instâncias que entram em declínio a partir das mudanças do campo social.

Assim, este trabalho se justifica à medida que entender o que muda na questão do pai e suas implicações para o sujeito, com as transformações da família ao longo do tempo, contribui para esclarecer e desmistificar o valor que se atribui à autoridade paterna, ou ao patriarcado, relacionada à constituição do sujeito. Desse mesmo modo, contribui para o abandono de uma posição de saudosismo pela família tradicional, por um ideal burguês da família do século XIX e que, como veremos a seguir, também produzia seus sintomas.

Através desses questionamentos, essa pesquisa teve como seu objetivo investigar o lugar do pai, à luz da psicanálise, através das transformações da família. Para tanto, será feito um mapeamento histórico do lugar do pai e do enfraquecimento da autoridade paterna ao longo dos séculos, desde a idade média até a contemporaneidade, além de também refletir sobre os efeitos dessas mudanças para o sujeito contemporâneo.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho foi feito com base no tipo de pesquisa qualitativa, que, segundo Kauark, Manhães e Medeiros (2010), consideram a relação entre o mundo da realidade e a subjetividade como indissolúvel e incapaz de ser traduzida por números, ou seja, a pesquisa qualitativa não é feita embasada nas estatísticas, mas sim na interpretação dos fenômenos estudados.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa qualitativa, foi utilizado o procedimento de revisão bibliográfica, que consiste na elaboração do texto a partir de materiais já publicados em livros e artigos físicos e artigos de periódicos indexados disponíveis na internet (Kauark et al, 2010). A grande maioria do levantamento do material bibliográfico que diz respeito ao conteúdo da teoria psicanalítica foi feito através de pesquisas em artigos, revistas especializadas e livros físicos. Alguns conteúdos disponíveis na internet também contribuíram para a construção deste trabalho.

Para Fontelles, Simões, Farias e Fontelles (2009), é pela via da revisão de literatura que há a possibilidade de se obter um conhecimento mais amplo acerca do que já foi publicado, de quem já publicou e as questões e dúvidas sobre o tema da pesquisa.

Os autores defendem que esse tipo de pesquisa contribui desde o início com a escolha do tema. Por isto, a partir da revisão bibliográfica, foi possível uma fundamentação teórica mais embasada, que procurou sustentar a justificativa e, também, uma maior delimitação dos objetos da pesquisa.

Fontelles et al (2009) defende que para que o processo de pesquisa se faça mais produtivo:

(...) o autor da pesquisa deverá adotar uma postura metódica, sistematizada, inerente à pesquisa bibliográfica, a qual é baseada na literatura publicada em forma de livros, em revistas especializadas, escritas ou eletrônicas; em jornais e revistas, em sites da Internet, especializados ou de busca etc. Outras importantes fontes de pesquisa são os eventos científicos, como congressos e seminários, ou mesmo, a consulta direta a pesquisadores mais experientes, com reconhecido saber sobre a área de interesse. (Fontelles et al, 2009, p.4)

Dito isto, esse processo de pesquisa qualitativa em revisão bibliográfica foi feito em articulação com a teoria psicanalítica, a fim de investigar o percurso do lugar do pai na família ao longo dos séculos.

Rey (2005) fala que o empírico não precisa ser completamente descartado na pesquisa qualitativa, mas que a teoria é que tem o papel central neste campo. Ainda afirma que não devemos considerá-la como um processo rígido, à medida que é produzida a partir de uma

construção, de uma espécie de diálogo entre autores que pensam temas semelhantes. Sobre isto, coloca:

A teoria é uma construção sistemática, confrontada constantemente com a multiplicidade de ideias geradas por quem as compartilha e quem se opõe a elas, do que resulta um conjunto de alternativas que se expressam na pesquisa científica e que seguem diferentes zonas de sentido sobre a realidade estudada. Nenhuma teoria pode ser considerada resultado final, capaz de dar conta em termos absolutos do estudado (...). (REY, 2005, p.59/60)

Sendo assim, procuramos fazer uma revisão dos textos com base teórica na psicanálise, deste Freud e Lacan, até psicanalistas contemporâneos que pesquisaram sobre a temática, para compor o trabalho acerca do lugar do pai na família.

### 3. AS TRANSFORMAÇÕES NA FAMÍLIA E O LUGAR DO PAI

É inegável que a estrutura familiar contemporânea comporta uma série de configurações outrora impensáveis. Lares compostos por mães e pais solteiros, crianças que moram com seus avós, casais homossexuais que adotam seus filhos e etc, embora não sejam mais frequentes, passam a coexistir com o modelo nuclear pai-mãe-filho. Maria Rita Kehl (2003) em seu artigo, *Em defesa da família tentacular* fala que, mesmo com todas essas mudanças no cenário familiar, ainda há um ideal em torno desse modelo nuclear que era caracterizado, segundo a autora, pelo poder patriarcal predominante da burguesia do século XIX.

Elza Berquó (1998), ao falar das mudanças demográficas da população brasileira, afirma que, embora a característica nuclear da família, em ser formada por um pai e uma mãe, com ou sem filhos, venha mudando, esse modelo ainda é predominante. No entanto, o interior mesmo desse núcleo vem sofrendo mudanças importantes, já que as relações estão deixando de ser hierárquicas para ter um caráter mais igualitário, ou seja, o poder vai deixando de ser concentrado nas mãos do pai para se estender na figura da mãe e, aos poucos, dos filhos, como afirma Kehl.

Kehl (2003) aponta como um fator para este processo, que chamaremos de declínio do patriarcado, a emancipação financeira da mulher, graças ao aumento de sua escolaridade e inserção no mercado de trabalho. O surgimento de métodos contraceptivos e a liberdade sexual, segundo a autora, também proporcionaram uma grande mobilidade das configurações familiares. Se por um lado, com os anticoncepcionais, o tabu que sustentava o casamento monogâmico perde força, por outra via, o número de mães solteiras vem aumentando, junto com o de mães e pais adolescentes. (Kehl, 2003). Portanto, em um mundo no qual se busca a satisfação imediata e em que se tem a liberdade de poder casar e separar várias vezes, a conta que se cobra é em mal-estar e desamparo:

O desamparo se faz sentir porque a família deixou de ser uma sólida instituição para se transformar num agrupamento circunstancial e precário, regido pela lei menos confiável entre os humanos, a lei dos afetos e dos desejos. (KEHL, 2003)

Sendo assim, os laços conjugais deixaram de ter como fundamento principal o da procriação e passaram a levar o erótico como seu suporte, o que contribuiu para sua mobilidade e instabilidade. O matrimônio deixou de ser uma instituição sólida e passou a ser regido pela lei do desejo, daí vem o sentimento de desamparo dessa sociedade contemporânea. Junto com ele, vem o sentimento de mal-estar que, segundo Kehl (2003), vem



de uma impotência por não conseguirmos mais alcançar um padrão familiar que nos foi deixado como herança pelos nossos pais.

Diante deste cenário de desamparo e mal-estar, gerados pelo enfraquecimento da solidez da instituição familiar em detrimento das relações de afeto e de desejo, Kehl (2003), ao falar das pesquisas demográficas feitas em torno da população brasileira, aponta que uma das afirmações mais frequentes é a de que “a família não é mais a mesma”. Kehl coloca em questão o caráter saudosista dessa frase, pois, a sentença de que a família não é mais a mesma indica que, em determinado momento, a família correspondeu a um padrão, que é idealizado até a atualidade.

Porém, ela chama a atenção para o fato dessa família, que corresponde a esse ideal de família nuclear, ser caracterizada pelo domínio do patriarcado, pela submissão da mulher, dos filhos, dos membros da família, em relação ao poder do patriarca.

Kehl (2003) também coloca que as transformações na família têm sido frequentemente apontadas como a causa de uma “crise ética da sociedade contemporânea”, marcada por sintomas, como: a utilização de drogas, a delinquência juvenil e a violência. Porém, Kehl (2003) fala que é preciso ter cuidado ao afirmar que a queda da família nuclear é responsável por essa crise ética da sociedade e esses fenômenos sociais, pois, foi exatamente no apogeu dessa família nuclear burguesa, no século XIX, que Freud pôde escutar as histéricas e falar do surgimento da neurose. Em outras palavras, foi no apogeu da burguesia tradicional que se observou uma grande expressão do mal-estar a partir da família. Lacan (1938), em *Os complexos familiares*, fala disto, ao colocar a invenção da psicanálise situada nesse contexto e correlaciona os sintomas neuróticos tratados por Freud a um declínio da “ímago paterna”. (p.59) Sendo assim, pode-se pensar que esses sintomas são contemporâneos, mas que possuem raízes em um momento anterior à queda da família nuclear.

Para falar da origem da família e de sua modificação ao longo do tempo, Elisabeth Roudinesco em *A Família em Desordem* parte das concepções de Claude Lévi-Strauss, que aponta a família como um fenômeno universal. O antropólogo aponta a diferença dos sexos como a característica primordial dessa universalidade, e que essa união entre um homem e uma mulher se daria sempre através de duas vias: a aliança (matrimônio) e a filiação (procriação).

Além do fator biológico sugerido por Lévi-Strauss – a diferenciação sexual que fundamentaria o matrimônio e a procriação – Roudinesco (2003), enfatiza uma outra condição, social, para a constituição da família: a proibição do incesto.

A proibição do incesto introduz a dimensão simbólica como sustentação da constituição familiar. Ou seja, além diferença sexual apontada por Lévi-Strauss, a família também é pautada pela dimensão simbólica, traduzida pela proibição do incesto evidenciada por Freud, como por exemplo, em *Totem e Tabu* (1913). Roudinesco (2003) diz que foram nesses dois pontos, biológico e simbólico, que se deram as mudanças relacionadas ao núcleo familiar, mas que é preciso atentar para como se deram essas mudanças ao longo dos anos e se estas mudanças seriam realmente responsáveis por essa suposta “desordem” familiar da atualidade.

Enquanto Kehl (2003) localiza a família nuclear, pai-mãe-filho(s), como produto da sociedade burguesa do século XIX, Roudinesco (2003) propõe que esta é consequência de um momento anterior, fruto de uma evolução ao longo dos séculos XVI a XVIII. Para esta autora, esse modelo de estrutura familiar já despontava na idade média na Europa, muito antes de se tornar o modelo predominante na modernidade. A autora demarca três momentos da evolução da família: família tradicional, moderna e pós-moderna (ou contemporânea).

Como característica principal, a família tradicional - que, segundo Roudinesco (2003), compreende o período entre os séculos XVI a XVIII - tinha o autoritarismo do poder patriarcal. Os casamentos eram arranjados pelos pais dos noivos, estes últimos geralmente com pouca idade, cujo objetivo maior era a propagação de posses, do patrimônio, sem levar os laços afetivos em consideração.

Roudinesco (2003) aponta que outra característica dessa família tradicional é a sua estruturação nuclear, composta por pai-mãe-filho, mas que essa composição em torno do núcleo vem desde a idade média. Outras características dessa família também derivam dessa época, por exemplo, a imagem desse pai, que ela chama de pai arcaico. Assim, Roudinesco (2003) coloca:

Heróico ou guerreiro, o pai dos tempos arcaicos é a encarnação familiar de Deus, verdadeiro rei taumaturgo, senhor das famílias. Herdeiro do monoteísmo, reina sobre o corpo das famílias e decide sobre os castigos infligidos aos filhos. (p. 21)

A autora utiliza o direito romano para exemplificar a relação do pai com os filhos na época antiga. Este era designado como *pater*, pai que adota o filho, “que o conduz pela mão” (ROUDINESCO, 2003, p.21). Portanto, aqui a dimensão simbólica ficava evidenciada e o aspecto biológico não era levado em conta. Não importava se o filho tinha o mesmo sangue do pai, este tinha que adotá-lo e reconhecê-lo enquanto seu herdeiro.

Com o cristianismo, a dimensão simbólica não foi extinta, mas a questão da paternidade biológica veio tomar sua importância juntamente com sua dimensão simbólica:

“À imagem de Deus, o pai é visto como a encarnação terrestre de um poder espiritual que transcende a carne. Mas não deixa por isso de ser uma realidade corporal submetida às leis da natureza” (ROUDINESCO, 2003, p.22).

Esta autora também vai dizer que, também com o cristianismo, o pai passa a “tomar posse” (Roudinesco, 2003, p.21) do seu filho através do seu sangue, marcado pela procriação através do sêmen (biológico), e pela transmissão do seu nome (simbólico).

Na Idade Média, há um domínio do patriarcado em relação ao matriarcado. A sexualidade da mulher, por exemplo, nem era considerada, pois, a sua principal função era servir de receptora para o sêmen masculino e gerar seus filhos. Roudinesco (2003) utiliza as ideias de Jean Boldin para falar que, neste momento, o masculino era visto como o caminho da razão e o feminino do passional, e que seria um perigo constante para a sociedade a mulher se desvincular do domínio do marido, vendo a feminilidade como sinônimo de desordem, que só poderia ser controlada a partir do casamento.

Já na fase moderna (entre o final do século XVIII e meados do XX), Roudinesco (2003) afirma que a dominação constante paterna vai aos poucos entrando em declínio, embora a organização familiar ainda se dê em torno da autoridade paterna. O feminino ganha nova roupagem. A mulher, que outrora era apenas um reservatório para o sêmen masculino, passa a ser vista como origem da família através da imagem de mãe. O pai não é mais absoluto na transmissão do psiquismo e do sangue.

Sendo assim, a mulher continua submissa ao homem, mas a ela é delegado um lugar de importância no meio familiar, aquela responsável pela maternagem. Simultaneamente, há uma mudança na imagem do pai que passa de dominador para “uma paternidade ética” (Roudinesco, 2003, p.38), ou seja, o pai tem o seu poder mantido, mas também tem o dever de não ultrapassar os limites desse poder. O estado passa a barrar, em 1789, a plena autoridade paterna, com a substituição das *lettres de cachet*, - que permitia ao pai mandar o filho rebelde infrator para a prisão – pelo direito de correção. Baseado na “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, o pai se submete às leis do Estado ao mesmo tempo em que este lhe confere o poder em relação a família.

Outras mudanças também surgiram com a chegada da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. O casamento deixa de ser mantido pelos valores da igreja e passa a ser pelo contrato estabelecido entre o homem e a mulher, em que o pai sai para o mundo externo em busca do sustento da família ao passo que a mãe fica dentro de casa responsável pelos cuidados do lar. Neste momento, a união passa a ser pautada no amor e nas pulsões sexuais. À

medida em que essas esgotavam, o casamento também poderia chegar ao fim, surgindo assim o direito definitivo ao divórcio em 1884.

Já na era contemporânea (a partir de 1960), observa-se um declínio do poder paterno com maior intensidade. Segundo Roudinesco (2003), esse declínio já despontava com a perda do direito de correção paterna, concedida pelo estado, no final da era moderna, no ano de 1935. Mas é na era contemporânea que esse declínio ganha mais força, com uma maior horizontalidade do poder entre os membros da família.

Em 1970, com a supressão da expressão “chefe de família”, a própria noção de poder paterno é definitivamente eliminada da lei. Doravante o pai divide com a mãe o poder sobre o filho, e suas antigas prerrogativas, já fortemente abaladas nas décadas recentes, ficam praticamente reduzidas a nada. A família torna-se então “coparental”, e fala-se daí em diante em “coparentalidade”. Enfim, cinco anos mais tarde, com a legalização do aborto já aceita em numerosos países da Europa, as mulheres tiram da dominação masculina o controle total da procriação. Realizam esse gesto antes mesmo de ter conquistado a igualdade de direitos sociais e políticos. (Roudinesco, 2003, p. 104)

Assim como Roudinesco, Lebrun (2013) também situa o fim das *lettres de cachet* e da correção paterna como pontos-chaves da limitação do poder do pai, atestando o declínio da autoridade paterna. Ele correlaciona o afrouxamento desse poder com um fenômeno que teve início entre o século XVIII-XIX e que tem se intensificado cada vez mais, o da privatização da família. Esta foi se desvinculando do social e se fechou em torno de si mesma, dos seus componentes. As crises familiares passaram a ser cada vez mais resolvida dentro do seu próprio núcleo e a hierarquia entre o casal foi ruindo aos poucos. O autor coloca que esta família privada, que vive cada vez mais forte, poupa-se da inserção de um terceiro dentro da família. Seguindo a mesma lógica, o pai, que é aquele próprio que entra na posição de terceiro no contexto familiar, tem a sua autoridade e legitimidade posta em queda.

À proporção que se deu essa privatização e, por consequência, o enfraquecimento da autoridade paterna, a imagem da mãe entra em ascensão. A mulher, na contemporaneidade, tornou-se decisiva nas escolhas do destino da família, passou a escolher seu marido, o momento de ter seus filhos e quantos filhos quer ter. Sendo assim, Lebrun (2013) questiona que, em uma sociedade na qual a mãe transformou-se numa espécie de pai e mãe ao mesmo tempo, onde fica o lugar do pai e qual a sua identidade no social? Partindo disto, ele pergunta: “Vivemos em um mundo sem pais? Ou num mundo sem Pai?”. O autor explica essa diferença: o mundo sem pais significa estar num mundo sem “papais”, sem a presença paterna, e estar em um mundo sem Pai quer dizer estar sem a referência paterna, sem lugar para o Pai.

Em relação à hipótese de viver em um mundo sem pais, Lebrun (2013) a desconsidera. Defende que cada vez mais os pais de hoje reivindicam a participação na vida dos filhos. Os pais divorciados, por exemplo, fundaram associações para garantir seus direitos, e pais casados estão cada vez mais presentes nas atividades diárias das crianças. O código civil brasileiro, a partir de 2008, já contempla a Lei nº 11.698/08 que institui a guarda compartilhada, segundo Alves (2009), por uma maior pressão dos pais em obterem direitos legais iguais em relação à guarda de seus filhos. Porém, ele defende que, nesse contexto, também há o risco de haver uma confusão nos lugares de pai e mãe. Lebrun (2013) utiliza das ideias do sociólogo da família Louis Roussel, para dizer que, na nossa cultura, os cuidados da mãe são os referenciais, são os que verdadeiramente se manifestam, e houve um “deslizamento do papel do pai na direção do ideal da mãe”. (p.45)

Portanto, Lebrun defende que, se o pai se coloca ou é colocado no lugar da mãe, o que se põe em questão é a anulação da diferença dos sexos. Sobre isto, Lebrun (2013) aponta que:

(...) apagando essa diferença, furtando-nos à confrontação com essa disparidade originária, tiramos de nós a possibilidade de suportar nossos conflitos. Foi porque, no início de nossa existência, cada um de nós foi defrontado com a dissimetria do casal parental que houve as chaves necessárias para poder se confrontar com o que não é da ordem do mesmo. (p. 46)

Assim, como fica então a constituição familiar quando se apaga a diferença dos sexos? Lembrando Lévi-strauss, a diferença dos sexos é fundamental para a constituição da família, que efeitos o apagamento dessa diferença pode trazer para o sujeito que se constitui na trama edípica tomando seus pais como parceiros? Não nos aprofundaremos na questão do apagamento da diferença dos sexos para a constituição subjetiva, pois o nosso intuito é tentar pensar o que muda com relação ao pai na evolução das configurações familiares atuais.

Retomando a questão do lugar do pai na família, Heinemann e Chatelard (2012), além da privatização da família, colocam o tema da evolução da ciência em evidência diante do enfraquecimento da autoridade do pai. Tais autores apontam o declínio do Nome-do-pai como uma consequência da evolução científica quando afirma que: “A consequência do progresso do discurso científico nos conduziu a um declínio do Nome-do-Pai. A cultura contemporânea não é mais orientada pela alteridade do pai ou pela intervenção simbólica.” (Heinemann, Chatelard, 2012, 658). Assim, os autores falam de uma queda da questão simbólica e da autoridade do pai na sociedade contemporânea como frutos de um progresso científico. Discutiremos este ponto do declínio do Nome-do-pai nas considerações finais deste trabalho.

Lebrun (2013) também aponta a questão da ciência como ponto importante para pensarmos a questão do lugar do pai. Ele diz que houve uma mudança no lugar do pai na passagem do pai da religião, do monoteísmo, para a ciência moderna. A imagem do pai pela

ótica da religião garantia um lugar de terceiro no seio familiar, e a passagem para a ciência fez com que esse lugar, em algum momento, se perdesse.

Assim, com a supremacia da ciência e com a chegada das inseminações artificiais da sociedade contemporânea, a mulher já pôde iniciar a família sem o homem. Como nos coloca Roudinesco (2003), aqui é o primeiro momento no qual o homem e o ato sexual foram substituídos por uma ação médica. Neste ponto, vale questionar como fica o lugar do pai e sua função na família quando o pai é reduzido ao campo do biológico. Sobre isto, Roudinesco (2003) afirma que:

(...) o pai genitor arriscava ser reduzido a um sêmen (...). Seu nome, que desde sempre imprimira no corpo da criança a marca de sua soberania simbólica, não servia mais como prova irrefutável de uma paternidade agora “comprovada” pela ciência. (p. 163)

A partir disto uma questão se abre, pois, se a transmissão do nome, da filiação, ou seja, da questão simbólica, foi posta de lado a partir do avanço da ciência, isso significa um enfraquecimento do lugar simbólico do pai? Desse mesmo modo, se a família pode ser constituída por um sêmen anônimo, a aliança também pode ter deixado de ser uma condição necessária à formação da família? Se consideramos essas questões como afirmativas, podemos pensar que essa família contemporânea parece ter rompido com as condições, apontadas pela antropologia de Lévi-Strauss como, universais e necessárias para a sua constituição –filiação e a aliança.

Com todas essas transformações, o que se evidencia nessas novas configurações familiares, e que parece ter um acordo em todas essas discussões, é uma horizontalidade das relações de poder e um declínio da autoridade paterna. Sendo assim, e sabendo que o pai em psicanálise pode ser desdobrado em vários pontos, como por exemplo - o pai da realidade, a imago paterna, o Nome-do-pai, a função do pai - que relação podemos fazer entre o enfraquecimento dessa autoridade, afirmada por todos esses autores, o lugar de pai na família e todos esses pontos decompostos pela psicanálise?

#### 4. DESDOBRAMENTOS DA QUESTÃO DO PAI EM PSICANÁLISE

Para pensar no lugar do pai, vamos recorrer ao que Freud e Lacan puderam teorizar sobre essa temática e pensar, quando se fala do pai em psicanálise, sobre o que se está falando. Há vários contextos nos quais podemos pensar o lugar do pai na família, dentre eles podemos citar o lugar do pai enquanto pai da realidade, de carne-e-osso, também como o pai que exerce uma função na estrutura familiar e o pai que instaura a sua Lei.

Dito isto, para falar desta questão, é indispensável começar por Freud, que foi quem introduziu a questão da Lei paterna a partir de sua obra *Totem e tabu* (1912-13). Neste texto, ele aproxima a psicologia dos neuróticos da psicologia dos povos primitivo, por acreditar que um estágio primitivo de nossa evolução coincide com a *vida mental* dos *selvagens*. Aponta como ponto primordial de convergência entre os povos primitivos e os neuróticos, a abstinência sexual com pessoas da mesma família, pois, para o autor, esses povos não possuíam o mesmo grau de restrições das pulsões sexuais, assim como a moral, que a civilização de sua época, mas possuíam um propósito comum a ser estabelecido com o mais severo rigor: evitar relações sexuais incestuosas.

Nesse contexto, Freud (1912-13) coloca o pai como personagem central em torno da proibição ao incesto, ao citar o mito do *pai primevo*. Ele conta que, neste mito, o pai da horda possuía todas as mulheres da aldeia e também era muito temido pelos filhos. Estes eram privados, por ele, da posse dessas mulheres, e foram expulsos da vila para que não pudessem obtê-las. Certa vez, os irmãos revoltados pela tirania do pai, retornaram à vila e mataram-no, para que assim pudessem finalmente conquistar o objetivo tão desejado, tomar as mulheres para si. Assim, o pai é assassinado e os filhos comem sua carne, através do ritual da refeição totêmica (rito amplamente descrito por Freud em *Totem e tabu*). Ao fim da cerimônia, sentimentos de ambivalência –próprios também dos neuróticos, como afirma Freud- invadem os irmãos, pois à medida que odiavam o pai por este ser um empecilho para o alcance de seus objetivos sexuais, também tinham sentimentos afetuosos e admiração por ele.

Por terem comido sua carne, eles passam a se identificar com o pai e são tomados por um sentimento de culpa e remorso. Neste ponto, é quando o pai passa a ser mais forte depois de morto do quando era vivo, pois, nos dizeres de Freud (1912-13):

(...) O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo (...). O que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos (...). Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos abrindo mão da reivindicação às mulheres que agora tinham sido libertadas. (p.151)

Portanto, a lei do pai da realidade, do pai vivo, teve menor valor que a Lei do pai morto, pois os próprios filhos, através dos seus sentimentos de culpa e da identificação pelo pai, declararam a proibição de relações sexuais com as mulheres da aldeia e instauram a Lei de não matar o animal totêmico (substituto do pai). Assim a Lei que começa a valer é uma Lei que incide no social, que não precisa ser imposta pela tirania de um pai vivo. Essa noção do do pai morto, descrita por Freud neste trabalho, nos faz pensar em uma aproximação com o que Lacan vai vir a teorizar anos depois sobre o pai simbólico, que será citado no nosso próximo capítulo.

Assim, não matar e a proibição do incesto representam os dois grandes tabus que garantem a vida em sociedade. Posteriormente, Freud aponta esses dois elementos para introduzir sua teorização sobre o complexo de Édipo e a construção da sexualidade humana. Ele associa as Leis de não matar o pai e a proibição do incesto aos dois desejos da primeira infância— o ódio, o desejo de se livrar do pai rival e o desejo de obter seu objeto de amor, a mãe —que fazem parte da constituição da sexualidade e que precisam ser recalcados em um determinado momento para que o desenvolvimento psíquico e da sexualidade da criança possa transcorrer até a vida adulta.

Freud, assim como utiliza o mito do pai primevo para falar da Lei do pai e da garantia de vida do homem na sociedade, se serve do mito de Édipo, de Sófocles, para ilustrar o ponto central da sua teoria da sexualidade, *o Complexo de Édipo*.

O mito de Édipo consiste na tragédia da família dos Labdácidas. Laio, descendente dessa dinastia, teve seu Gene, e o de qualquer Labdácido, amaldiçoado por Pélopes (rei que o criou) por ter tido relações sexuais à força com um hóspede do reino, que veio a cometer suicídio. Posteriormente, Laio se casa com Jocasta, que era de sua mesma dinastia, e é avisado pelo oráculo de sua condição, que se viesse a gerar algum filho este o mataria e teria relações sexuais com a própria mãe. (Roudinesco, 2003)

Assim, Laio evitava ter relações sexuais que lhe pudessem gerar um filho, até que um determinado dia não se conteve e penetrou sua mulher, à qual deu origem a seu filho. Após o nascimento da criança, este foi condenado à morte e confiado à um pastor para executar a sentença. Porém, ao invés de abandoná-lo para que morresse, entregou-o à um criado de um outro reino, que, por sua vez deu o bebe ao rei e a rainha, que era estéril, e estes criaram a criança, apelidada de Édipo, como filho, que se tornou o herdeiro do Reino. (Roudinesco, 2003)

Quando adulto, Édipo soube de sua origem e resolveu consultar o oráculo, que repetiu seu destino: que mataria seu pai e que teria relações sexuais com sua própria mãe. Para evitar



o trágico acontecimento, Édipo decide ir embora e distanciar-se do reino onde foi criado. Porém, durante a tentativa de fuga do seu destino, ele encontra Laio. Por conta de uma briga na estrada, Édipo mata Laio sem saber que este era o seu pai. Segue o caminho em direção a Tebas, que acabou de perder seu rei e passava por grandes dificuldades. Quando chega à cidade, Édipo resolve o enigma da esfinge. Era prometido que quem o resolvesse, ganharia a rainha como prêmio. Assim, Édipo, que não amava a rainha, casou-se com ela, pois se viu na obrigação de não recusar o presente. Assim, mesmo sem saber, Édipo comete o incesto e o parricídio, tem filhos com sua mãe, Jocasta, e após matar seu pai, Laio, assume o seu Lugar no reinado de Tebas. Quando Édipo descobre toda a trama através do oráculo, Jocasta se enforca, e ao encontra-la Édipo fura os próprios olhos e entrega-se ao exílio para morrer.

Freud utiliza esse mito falar dos sentimentos ambivalentes, de amor e ódio, investidos pela criança a seus pais. A primeira vez que coloca o termo complexo de Édipo foi em 1910, em seu texto, *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*, e fala que a criança, a partir de impulsos psíquicos que foram “reativados” por resquícios de memórias de desejos da primeira infância, começa a querer a mãe para si, e a nutrir um ódio pelo pai, que o impede de obter o seu objeto de desejo.

Em 1924, Freud, em *A dissolução do complexo de Édipo*, discorre sobre como a vida sexual da criança durante esse período do complexo de Édipo, que é contemporâneo da fase fálica, está fortemente ligada aos pais. Aponta que o inverso dos sentimentos de amor pela mãe e ódio ao pai também podem acontecer, ou seja, os impulsos sexuais da criança serem direcionados à mãe e a rivalidade para com o pai. Posteriormente, nos diz Freud, esse complexo entra em dissolução através da angústia de castração.

É partir dessa angústia de castração que a criança abandona a busca da satisfação em relação aos seus objetos amorosos, dando lugar a sentimentos afetuosos direcionados aos pais, o que permite que ela se identifique com eles, dando assim, início ao período de latência, fase teorizada por Freud (1905) como um momento em que há uma interrupção das pulsões, total ou parcial, voltadas para o fim sexual, em que tais questões passam a ser recalcadas e os conteúdos de cunho moral se afloram.

Diante dessa breve exposição em torno da construção teórica de Freud em volta da questão edípica e do lugar do pai, é possível pensar que, até este momento, Freud fala dos personagens desse *romance edípico*, como denomina em seu texto de 1909, enquanto pais de carne-e-osso. São pais reais, que através de sua presença física na família e no complexo compõem a triangulação edípica e efetuam a intervenção no desenvolvimento da sexualidade

infantil e construção psíquica da criança. É Lacan que faz uma leitura estrutural desse romance edipiano freudiano e descola dos pais reais de carne e osso os pais do complexo.

Lacan sinaliza que não podemos confundir a presença de um pai da realidade na família com o pai do complexo, o pai que desempenha uma função. Assim, cabe distinguir, antes de prosseguirmos, a função paterna da presença concreta do pai da realidade na família, tal como ele descreve no seminário 5 – As formações do inconsciente, em 1958. Além disso, é preciso também diferenciar do termo imago paterna – conceito que ele trabalha anteriormente, em sua publicação: *Os complexos familiares*, no ano de 1938, assim, começemos por este último.

Lacan, em *Os complexos familiares* (1938), pontua que houve um declínio social da imago do pai e que a esse declínio está relacionada uma série de efeitos psicológicos, e que, posteriormente, gerou uma crise psicológica. Segundo o autor, a este cenário pode estar relacionada o próprio surgimento da psicanálise.

O conceito de imago foi proposto inicialmente por Jung, em 1911, segundo os autores Laplanche e Pontalis (1998), para designar a imago paterna, materna ou fraterna. Tais autores dizem que imago é um “protótipo inconsciente” pelo qual o sujeito representa a imagem do outro. Ela é relacionada às representações da criança com o seu contexto familiar e social, na qual se encontra um “esquema imaginário adquirido”. Ainda nos diz que a imago não pode ser vista como um “reflexo do real”. Sobre isto, Ducret (2005) acrescenta que a imago não está apenas relacionada com o campo da realidade, das experiências factuais, mas como também das relações fantasmáticas da criança com o meio familiar.

Ducret (2005) afirma que a primeira vez em que Freud fala do termo imago foi no ano de 1912 em seu texto *Sob a dinâmica da transferência*, na qual Freud (1912) aproxima a noção de protótipos inconscientes - a imago paterna, materna e fraterna- do mecanismo da transferência, em que a figura no médico se ligaria a esses protótipos na análise de seus pacientes. Ducret (2005) ainda afirma que em outras poucas ocasiões Freud emprega tal termo para caracterizar os objetos primários reais da criança, pai e mãe.

Lacan (1938) também utiliza esse termo e aproxima a noção de imago do conceito de complexo. Diz que a imago é uma representação inconsciente e que se coloca como um elemento fundamental do complexo. Os complexos –de desmame, intrusão e o de Édipo citados por ele em *Os complexos familiares* – para o autor, funcionam como “organizadores” do desenvolvimento do psiquismo humano e que, junto com a imago, proporcionaram a apreensão da família enquanto “objeto e circunstância psíquica”. Assim, coloca o complexo como crucial para o entendimento da ordem familiar e a imago como sendo parte constituinte primordial desse complexo. Ducret (2005) afirma que tal estrutura -complexo-imago-

representa, nesse momento anterior, o que Lacan vai vir a construir, a sua tópica do *real*, *simbólico e imaginário*<sup>1</sup>

Vinte anos depois de ter escrito *Os complexos familiares*, Lacan (1958) avança problematizando a questão do pai no Édipo e na família. Lacan coloca que é comum uma investigação em torno da presença ou ausência do pai na família. Daí o surgimento da expressão “carência paterna”, posta por muitos autores para designar uma falta física, concreta do pai, o que Lacan vai chamar de visão ambientalista da questão. No entanto, ele defende que colocar a presença do pai no meio familiar como questão fundamental para a constituição subjetiva da criança vai na contramão do entendimento da função do pai.

Ainda nesta obra, ele afirma que: “Não existe a função do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai” (p.171). Assim, quando Lacan fala que o Édipo depende do pai ele se refere à função do pai. Função esta que não é designada pela imago paterna, nem pela presença concreta, pois como ele próprio diz, pela experiência, comprovou-se que o Édipo se constitui de forma semelhante em casos nos quais a criança cresce tendo o pai e a mãe no ambiente familiar e em casos nos quais a criança é criada apenas pela mãe. Sobre isto, infere que:

Mesmo nos casos em que o pai não está presente, em que a criança é deixada sozinha com a mãe, complexos de Édipo inteiramente normais - normais nos dois sentidos: normais como normalizadores, por um lado, e também normais no que se desnormalizam, isto é, por seu efeito neurotizante, por exemplo - se estabelecem de maneira exatamente homóloga à dos outros casos. (Lacan, 1958, p.173)

Sendo assim, quando Lacan indica que complexos de Édipo se estabelecem *normalmente* independente da presença ou ausência física do pai, ele aponta para uma questão de estrutura, no sentido da saída para a neurose. Assim, não é do pai da realidade de quem depende o complexo de Édipo. Sobre isto, Lacan (1958) comenta que:

Bem no começo, achava-se sempre que era algum excesso de presença paterna, ou excesso de pai, que engendrava todos os dramas. Foi a época em que a imagem do pai aterrorizante era considerada um elemento lesivo. Na neurose, logo se percebeu que isso era ainda mais grave quando ele era extremamente gentil. (p.172)

Ou seja, não é pela imagem de um pai que é excessivamente terrível ou por um pai que é extremamente amável e gentil que vai se “garantir” a constituição do Édipo, a estrutura neurótica independente da imagem do pai.

Dito isto, como a constituição do Édipo e da neurose pouco ou nada tem a ver com a presença de um pai da realidade no contexto familiar, nem com a sua imagem de pai terrível

---

<sup>1</sup> Lacan, ao longo do seu trabalho formula esta tópica, no entanto, não a desenvolveremos pois não cabe nos limites deste trabalho.

ou extremamente bondoso e gentil, Lacan (1958) indica que essa questão corre no sentido de um pai que exerce uma *função*. Assim, fala que:

(...) Vislumbrou-se que o problema da carência do pai não concernia diretamente à criança em questão, mas como ficou evidente desde o início, que era possível começar a dizer coisas um pouco mais eficazes acerca dessa carência, tomando o pai como aquele que tem de manter seu lugar como membro do trio fundamental da família. (p.173)

Nesse contexto, o fundamental para o complexo de Édipo é que o pai ocupe o seu lugar no *trio fundamental*, que exerça sua *função* nessa triangulação. Assim, Lacan diferencia a carência do pai na família da carência do pai no complexo de Édipo, pois não se pode confundir o seu papel no contexto familiar com a sua função de normatizador.

A noção de normatividade pode ser melhor compreendida a partir de Canguilhem (1966), em seu livro *O normal e o patológico*. O autor fala da questão da normatividade e sustenta que o “normal” vai na contramão de uma equação da média dos indivíduos em determinado âmbito, que o homem “normal” não é o “homem mediano”, mas sim um homem com as suas variações individuais e culturais. Assim, este autor coloca que: “Se podemos falar em homem normal, determinado pelo fisiologista, é porque existem homens normativos, homens para quem é normal romper as normas e criar novas normas. ” (p.64). Portanto, podemos pensar no homem normativo como aquele que tem a capacidade de estabelecer normas, que pode se desprender de normas anteriores e instaurar novas regras. Assim, transpondo isto para a psicanálise, podemos pensar no pai normativo como aquele que estabelece a transmissão da Lei da interdição do incesto.

Portanto, a sua carência no complexo não está na ordem de uma dimensão realista, de uma carência concreta da presença paterna na família. Lacan (1958) pontua que a questão é muito mais delicada, pois inicialmente, o fundamental para o complexo de Édipo é o pai interditando a mãe, como representante da Lei, e se ligando à proibição do incesto. Ele ainda coloca que é através dos seus efeitos no inconsciente que o pai realiza tal interdição, pois, na proporção em que a proibição é feita apenas no nível da pulsão real, o pai não é essencial. Lacan (1958, p.178) fala melhor disto quando aproxima esta interdição do pai em relação a mãe ao complexo de castração, e insere o seu quadro em três níveis - castração frustração e privação:

Pai real	Castração	Imaginária
Mãe simbólica	Frustração	Real
Pai imaginário	Privação	Simbólica

Tabela 1 Referente aos níveis de castração, privação e frustração

Assim, fala que a castração é um ato simbólico por uma ameaça imaginária de uma intervenção real do pai. Ou seja, a ameaça de corte é de um objeto imaginário (o menino imagina seu pênis ser cortado, por isso o sente) feita por uma mãe ou um pai real, quando o dizem: “Vamos mandar cortá-lo” (Lacan, 1958, p.178)

No nível seguinte, o da frustração, o pai “frustra o filho da posse da mãe”, pois ela passa a ser objeto do pai e não do filho. Sendo assim, o pai não se insere neste sentido como um “personagem real” e sim o detentor de um direito”. Já o nível da privação, Lacan (1958) diz que é o *ponto nodal* no Édipo, pois é o nível que faz com que o filho prefira o pai no lugar da mãe, o que, posteriormente, vai fazer com que a identificação final do filho com o pai possa ocorrer.

O autor continua dizendo que este nível não é simultâneo ao momento do declínio do complexo de Édipo e, conseqüentemente, dessa identificação final, mas que é crucial pois é aqui onde o pai atua como privador da mãe. Sobre isto Lacan (1958, p.191) fala que o pai: “Perfilha-se por trás da relação da mãe com o objeto de seu desejo como *aquela que castra*, coisa que digo apenas entre aspas, pois o que é castrado, no caso, não é o sujeito, e sim a mãe”. Assim, o pai interdita a mãe e priva o filho de sua posse.

Assim, Lacan (1958) interroga: o que é o pai no complexo de Édipo? E coloca que:

(...) o pai, aí, não é um objeto real, mesmo que tenha de intervir como objeto real para dar corpo a castração. Mas se ele não é um objeto real, é o que?  
Ele tampouco é unicamente um objeto ideal, porque, por esse aspecto só põem ocorrer acidentes. Ora, o complexo de Édipo, afinal, não é unicamente uma catástrofe, uma vez que é a base de nossa relação com a cultura, como se costuma dizer. (p.180)

Sendo assim, já que o pai do complexo não se trata de um pai da realidade e menos ainda de um pai ideal Lacan (1958) assinala o que já havia dito anteriormente, que o pai do complexo de Édipo é o pai simbólico.

Este pai simbólico, diz o autor, é o pai como uma *metáfora*. Esta noção metafórica acrescenta na teoria psicanalítica um elemento crucial que é o conceito de *significante*. A partir de seus estudos, ele infere que o inconsciente “no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem.” (LACAN, 1956, p.142) e coloca o significante como

possuindo papel fundamental, nesse contexto, pois é o significante o fundamento primordial da dimensão simbólica no campo da linguagem.

Assim, Lacan (1958) articula a noção de significante, que é o ponto central do aparecimento do sujeito na linguagem, à metáfora. Uma metáfora nada mais é do que um significante que se coloca no lugar de um outro significante. Então, a partir desse raciocínio, o autor aponta que o pai simbólico, que é uma metáfora, é um significante que substitui outro significante. Esse significante substituído é o primeiro já simbolizado, a saber, o significante materno.

Sendo assim, podemos pensar no pai do complexo, o pai simbólico, com uma função de normatizador (citado acima), no pai que barra a mãe e instaura uma Lei, se colocando nesse lugar que era inteiramente preenchido pela mãe nesse primeiro momento do bebê.

Assim, a esse significante que substitui o significante primeiro, o materno, Lacan (1958) nomeia de o *Nome-do-pai*. Lacan, em *Os escritos* (1957-1958), insere uma fórmula para ilustrar essa operação, a qual ela chama de *a fórmula da metáfora* ou *da substituição significante*:

$$\frac{\text{Nome-do-pai}}{\text{Desejo da mãe}} \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-pai} \left( \frac{\text{A}}{\text{Falo}} \right)$$

Figura 1: Fórmula da metáfora paterna

Portanto, o significante do Nome-do-pai surge como um substituto do desejo materno, sendo que, tal substituição só se torna possível se a mãe abre espaço para que o Nome-do-pai possa se inscrever.

Ainda neste esquema, Lacan marca o *significado para o sujeito*, que condiz com o significado da relação da mãe com a criança. Lacan (1958) diz que esse significado é o próprio *falo*, que é o que marca para a criança que ela não é o único objeto de desejo da mãe, ou seja, que o desejo da mãe está dividido, o que permitir a inserção do Nome do pai nessa equação.

Este significante Nome-do-pai, nos diz Lacan (1958), é aquele que está ligado à proibição do incesto, é o portador da Lei. É ele que se situa no nível simbólico, que independe de uma série de acontecimentos biológicos ou cronológicos.

A criança, que tem na mãe o primeiro encontro com o campo da linguagem, se vê submetida à *Lei*. A Lei da mãe se deve ao fato dela ser um ser falante, é a Lei da linguagem, é onde se articula o desejo, em que a criança passa da necessidade para demanda e, a partir do

desejo do Outro se torna também desejante. Já a Lei do pai gira em torno do Nome-do-pai, que entra barrando o desejo da mãe, exercendo a função de terceiro, de interditor e privador da mãe em relação à criança (Lacan, 1958).

Lacan (1958) afirma, que para que o pai exerça sua função, de quem promulga a Lei, é preciso que a mãe o conceda o lugar de mediador, de quem está acima de sua própria Lei. Como pontua em:

(...) o ponto em que queremos insistir é que não é unicamente da maneira como a mãe se arranja com a pessoa do pai que convém nos ocuparmos, mas da importância que ela dá à palavra dele – digamos com clareza, a sua autoridade -, ou, em outras palavras, do lugar que ele reserva ao Nome-do-pai na promoção da lei. (Lacan, 1958, p.585)

Assim, para Lacan o nome do pai só pode se inscrever pelo fato de a Lei da mãe girar em torno dela própria ser um ser falante e ela estar no mundo da linguagem, e, portanto, já estar submetida à Lei. É nesta medida em que o pai pode se inserir no Outro.

Lacan (1958), em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, quando fala sobre o caso Schreber, atrela a questão do Nome-do-pai à psicose. Ou melhor, ele traz a forclusão desse significante no lugar do Outro como o que marca o sujeito na estrutura psicótica. Assim, Lacan (1958) diz que : “Para que a psicose se desencadeie, é preciso que o Nome-do-pai, *verworfen*, foracluído, isto é, jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito.” (p.584). A partir disto, podemos pensar no Nome-do-pai como tendo um caráter estruturante.

Lacan, em *O avesso da psicanálise* (1969) aproxima a noção do significante Nome-do-pai ao pai primevo, do mito de Freud em *totem e tabu* (já citado no início deste capítulo). Para Lacan, o Nome-do-pai só pode ser comparado ao pai morto, que se tornou mais forte após a morte do que quando era vivo, pois adquiriu a sua potência simbólica.

Assim, para Lacan (1969), o Nome-do-pai, que só pode ser comparado ao pai morto de Freud, funciona como um “operador estrutural”. Ou seja, podemos pensar nesse significante como tendo um caráter de estrutura, como o significante que se inscreve, ou não, no psiquismo, e faz com que o sujeito aceda a uma estrutura neurótica, quando o significante se inscreve, ou psicótica, quando essa inscrição falha e o significante é foracluído.

Não faz parte deste trabalho um aprofundamento acerca da forclusão do significante Nome-do-pai e o surgimento da psicose, mas é importante frisá-lo para marcar a diferenciação em torno desse significante enquanto operador estruturante do psiquismo em relação ao exercício da função do pai enquanto representante da Lei, ou de sua imagem ou presença na família, e principalmente, para destacar que um enfraquecimento da “imagem paterna”, ou o

declínio da autoridade do pai não tem como consequência uma inscrição do sujeito na psicose, já que esta estrutura depende da forclusão do operador estruturante o Nome-do-pai.

Dito de outro modo, entender o Nome-do-pai como um significante que não está atrelado a um pai de carne-e-osso, à imago paterna ou a um pai mais ou menos autoritário, é importante para pensarmos que não há efeitos estruturais a partir de uma desautorização paterna. Portanto, se não há efeitos estruturais por essas vias e a inscrição do sujeito na dimensão simbólica é preservada, ainda assim, podemos pensar que há um enfraquecimento da dimensão simbólica do pai? De que forma esse significante Nome-do-pai se transmite nas novas configurações familiares? Que efeitos isso pode ter para o sujeito?



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que a discussão em torno da questão do pai em psicanálise é bem mais ampla, Lacan segue teorizando este ponto ao longo de toda sua experiência. Porém, diante do que foi exposto neste trabalho, o que nos foi possível afirmar, com base na literatura pesquisa até este momento, é que o que muda em relação ao que chamamos de lugar do pai é o seu poder enquanto patriarca. Os autores utilizados nessa pesquisa entram em acordo nesse determinado aspecto: o patriarcado veio declinando ao longo do tempo e a família nuclear tradicional veio cedendo seu espaço às várias configurações familiares. As relações de poder, que antes, na família tradicional, tinha a forma vertical como característica, tendo o patriarca no ápice da pirâmide hierárquica, foi tomando um modelo horizontal. O poder foi sendo distribuído entre o pai e a mãe e, posteriormente, também nas mãos dos filhos, como nos diz Elza Berquó (2007).

Então o que podemos afirmar é que as relações de poder vêm se transformando ao longo do tempo na família. Com a irrupção do feminino e as conquistas dos direitos da mulher, como também vimos com Kehl (2003) e Roudinesco (2003), fizeram com que o poder do homem e patriarca familiar entrasse em declínio.

Assim como Kehl afirma que a queda da família tradicional foi apontada como o ponto crucial da “crise ética da sociedade” (o que é por ela mesma questionado), Minnicelli (2014) também afirma que diversas publicações contemporâneas colocam as adversidades “comportamentais” das novas gerações na conta das modificações na família e aponta o “vazio de autoridade” (p.196) como o ponto central dessa cobrança. Porém é importante frisar, como nos lembra Kehl (2003), que Freud pôde tratar dos sofrimentos das neuróticas e criar a psicanálise em pleno apogeu da família tradicional patriarcal, o que nos faz concluir que o sofrimento e os sintomas estavam presentes desde essa época.

A partir disto, nos propusemos a pensar, a partir da psicanálise, em torno da questão do pai, e se o declínio de sua autoridade na família traria consequências para o sujeito. Com Lacan, vimos que o pai da realidade, de carne-e-osso e o pai que exerce uma função, o pai simbólico, são diferentes. Como colocamos no segundo capítulo deste trabalho, Lacan (1958) aponta que procurar a carência do pai concreto na família vai na contramão de uma investigação em torno da função do pai no complexo de Édipo, do pai que exerce uma função. Função esta de representante da Lei, de quem barra o desejo da mãe.

Assim, para nós, é possível dizer que o poder do patriarca enquanto o chefe da família cai, declina, mas que esse poder é característico de um pai da realidade e que, segundo Lacan (1958), “(...) o pai, na medida em que proíbe no nível da pulsão real, não é muito essencial.” (p.178). Portanto, se o pai da realidade não é *tão essencial*, nos dizeres de Lacan, para o

exercício da função paterna, podemos inferir que o declínio da autoridade do patriarcado não implica em um declínio da função paterna.

No desenrolar da pesquisa, outras questões foram evidenciadas como modificações do lugar do pai da atualidade. A privatização da família, por exemplo, foi apontada por Roudinesco (2003) e por Lebrun (2003). Este afirma que a família tem se fechado cada vez mais em torno de si mesma, que se poupa da inserção de um terceiro. Nesse sentido, podemos pensar que há uma família que tende a se desvincular do social e que não tem uma legitimidade no exercício dessa da função de terceiro. Além dessa privatização, a família da atualidade tem apresentado uma horizontalidade das relações, estas se colocam de forma cada vez mais igualitárias, o que nos indica também uma falta de legitimidade de alguém que venha fazer a função de normatizador.

Assim podemos pensar, por exemplo, na questão das escolas, em que, a partir dessas relações igualitárias, o professor não tem a legitimidade de se colocar no lugar de normatizador e de quem sustenta uma autoridade, pois há uma questão social que não legitima essa instituição. Dessa mesma forma, nos parece que, o pai, que tem função de terceiro na triangulação edípica, mesmo que ele esteja presente na família, não tem essa função legitimada pelo social.

Isto nos faz pensar que, todos que estão nessa posição de quem exerce uma função de terceiro, que faz função de normativo, de quem sustenta uma Lei, tende a parecer um impostor, por não ser respaldado, legitimado perante o social.

Além disto, Lebrun (2013) também coloca em questão, o lugar do pai em uma família que o pai cada vez mais tem se direcionado para os cuidados maternos. Aponta que há um “deslizamento do papel do pai na direção do ideal da mãe” (p.45), e que, por isto, os lugares do pai e da mãe podem se confundir. Ele comenta que o pai da atualidade se coloca, ou é colocado, em um movimento de ser “uma repetição da mãe.” (p.45), nessa confusão de lugares, podemos nos perguntar se o movimento paterno de se ocupar dos cuidados maternos, nos dizeres de Lebrun, de se colocar como uma repetição da mãe, não deixaria o lugar da pai “vago”, ou a função paterna em desequilíbrio.

Podemos questionar se, nas famílias contemporâneas, onde há um reconhecimento social dos cuidados da mãe como referenciais e o pai acaba se deslocando para os cuidados maternos, segundo Lebrun (2013), nós podemos nos perguntar: quem ocupa esse lugar paterno? Podemos pensar em um risco de um declínio da função paterna?

Sobre isto, vimos ao longo do trabalho que a função do pai e da mãe não são fixas em pais de carne-e-osso, em um homem e uma mulher. Kehl (2003) nos auxilia a falar disto,

quando diz que “se existir para a criança alguém que faça função paterna e alguém que se encarregue amorosamente dos cuidados maternos, a família estruturará edipicamente o sujeito” (Kehl, 2003, p. 8). Em outras palavras, se tiver alguém que exerça a função paterna e que possibilite a inscrição do significante Nome-do-pai no lugar do desejo materno, o sujeito consegue se constituir e se inscrever no campo neurótico. Assim, não podemos afirmar que a função paterna declina por conta de uma confusão de lugares, por uma inclinação dos pais aos cuidados maternos.

Outro ponto colocado em destaque no discurso dos autores utilizados neste trabalho, foi o lugar do pai a partir da evolução científica. Roudinesco (2003) apontou a chegada das inseminações artificiais como o primeiro momento em que a mulher prescinde do homem, tanto no campo do simbólico, tendo em vista que a filiação, a propagação do nome do pai, perde seu valor, quanto no campo biológico, pelo fato de ser um sêmen anônimo e não depender de um pai de carne-e-osso. A questão da ciência em psicanálise é um tema muito amplo e não foi nosso objetivo nos aprofundarmos nele, mas até onde chegamos, nos questionamos se esse avanço científico, principalmente em torno das questões genéticas, nos levou a um declínio da dimensão simbólica na família.

Heinemann e Chatelard (2012) nos falam de um declínio do Nome-do-pai como consequência da evolução do discurso científico, como vimos no primeiro capítulo desta pesquisa. Até onde pudemos avançar, não nos é possível concordar com essa afirmativa, pois vimos que o significante Nome-do-pai é um operador estrutural. Lacan, em *A significação do falo* (1958), marca que a “relação do homem com o significante como tal nada tem a ver com uma posição “culturalista” (...). Não se trata da relação do homem com a linguagem como fenômeno social (...). ”. (p. 696). Assim, como a questão do significante não gira em torno de uma questão cultural, Lacan (1958) em *As formações do inconsciente*, coloca que o significante Nome-do-pai se situa no nível do simbólico e não depende de acontecimentos cronológicos ou biológicos.

Dessa forma, não podemos pensar em um declínio do Nome-do-pai, pois este é estruturante para o sujeito e não depende das questões biológicas e nem da cultura. É um significante que se inscreve, ou não, no psiquismo, e define a estrutura subjetiva.

Assim, vimos que não podemos falar de um declínio do Nome-do-pai, e da mesma maneira, que não podemos afirmar que houve uma queda da função paterna. Sabemos que o significante o Nome-do-pai é um operador estruturante e que a função paterna é uma função simbólica que inscreve o Nome-do-pai no Grande Outro a partir da interdição no desejo da

mãe. Também nos foi possível apontar, que a questão simbólica não cai, pois, a mãe tem o seu desejo barrado e é imersa no mundo da linguagem. Mas, ainda assim, podemos pensar em um pai que parece ter sua dimensão simbólica reduzida com os avanços da ciência, assim como, a falta de uma legitimidade a quem ocupa o lugar de quem faz função de terceiro, e por consequência, ao que nos parece, a impossibilidade de ter alguém que encarne essa função. Assim, a partir disto, nos ficam as seguintes questões: se não há mudanças na estruturação psíquica, quais efeitos essas modificações podem gerar no lugar do pai enquanto sustentação da dimensão simbólica? E que efeitos podem ser pensados, a partir das mudanças do lugar do pai, na família contemporânea?

## REFERÊNCIAS

- ADENA, M. S; SPELLER, M.A.R. Clínica do social: a psicanálise e as novas configurações familiares. **Pulsional Revista de Psicanálise**. Editora Escuta: São Paulo, ano. XIV, n 144, p. 49-59. 2001. Disponível em: <[http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/144\\_03.pdf](http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/144_03.pdf)>. Acesso em: 12 dez 2017.
- ALVES, L.B.M. **A GUARDA COMPARTILHADA E A LEI Nº 11.698/08**. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 14, n. 2106, 7 abr. 2009. Disponível em: <[https://aplicacao.mpmg.mp.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/81/guardacompartilhada\\_Alves.pdf?s..](https://aplicacao.mpmg.mp.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/81/guardacompartilhada_Alves.pdf?s..)>. Acesso em: 12 dez 2017.
- BERQUÓ, Elza. (1998), "Arranjos Familiares no Brasil: Uma Visão Demográfica", in L. M. Schwarcz (org.), **História da Vida Privada no Brasil** (vol. 4). São Paulo, Companhia das Letras, pp. 411-437.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- CHATELARD, D. S; HEINEMANN, G. B. B. Concepção atual de família: do declínio da função paterna aos novos sintomas. **Revista mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, v. 12, n 3-4, p. 639-662, set/dez. 2012. Disponível em :<<http://www.redalyc.org/html/271/27130172006/>>. Acesso em: 07 dez 2017.
- DUCRET, Antoine In: MIJOLLA, Alain de (Org.). **Dictionnaire International de la Psychanalyse**. Paris: Hachette Litterature, 2005.
- FONTELLES, M.J; SIMÕES, M.G; FARIAS, S.H; FONTELLES, R. G. S. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Rev Paran Med**. Belém: 2010, v. 24, p.57-64.
- FREUD, S. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1909) **Romances Familiares**. Vol. IX
- FREUD, S. (1910) **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1924) **A dissolução do complexo de Édipo**. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Totem e Tabu e outros trabalhos (1913). In: S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 31, p.21-167.
- FREUD, Sigmund. **Sob a dinâmica da transferência**. Rio de Janeiro: Imago, 1912

- KAUARK, F.S; MANHÃES, F. C; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.
- KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. In: PEREIRA, Rodrigo da Cunha et. al. **Direito de Família e Psicanálise**. Editora Imago: Rio de Janeiro, 2003.
- LACAN, J, (1938). **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LACAN, J. (1956) **O seminário, Livro 3: As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- LACAN, J. (1957-58) **O seminário, Livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- LACAN J. (1969-70) O seminário livro 12. **O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.
- LACAN, J. (1972-73) **O seminário, Livro 20: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LACAN, J (1955-1956). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J (1958). A significação do falo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de Pedro Tamem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEBRUN, J-P. **Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Companhia de Freud: Rio de Janeiro, 2004.
- MINNICELLI, Mercedes. Vazio de autoridade hoje ou estamos buscando onde não é. In: VOLTOLINI, Rinaldo (Org.). **Retratos do mal-estar contemporâneo na educação**. São Paulo: Escuta, 2014. p. 195-209.
- REY, F. L. G. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2003.